

# ABUSO NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA E A DINÂMICA DA PÉROLA

Nastia Branca Bernardelli Lacerda de SOUZA\*  
Blanca de Souza V. MORALES\*\*

**RESUMO:** A violência intrafamiliar contra a mulher (sexual, física ou psicológica) compromete as relações afetivas na vida adulta. O trauma do abuso em mulheres foi trabalhado na tese da primeira autora. A sensibilização para a fala das mulheres vítimas do abuso sexual se deu por meio de palestras sobre autoconhecimento, autoestima, saúde emocional, comunicação e relacionamento conjugal. Por experiência da pesquisadora, essas mulheres, após as palestras, sentem-se encorajadas a revelar o segredo. Foram convidadas a participarem de entrevistas semiestruturadas, e de dois encontros interventivos, com os cinco passos da Terapia Comunitária Integrativa e o modelo da Dinâmica da Pérola, modificada e denominada Dinâmica da Esponja. Nos resultados, evidenciou-se que o sofrimento perpetuou-se, interferindo na convivência conjugal, com ênfase maior na esfera da intimidade e sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abuso sexual. Relações conjugais. Terapia comunitária integrativa. Dinâmica da esponja.

## Introdução

Ao longo da vida, as pessoas que foram abusadas na sua infância, podem apresentar dificuldades em vários âmbitos, dentre eles, na vida afetiva e na conjugalidade. A situação de violência contra a mulher (sexual,

---

\* CAIFCOM - Centro de Ensino, Pesquisa e Atendimento do Indivíduo, Família e Comunidade. Pós-Graduação em Terapia Familiar. São Paulo - SP – Brasil. 90560-005 - nastia.branca@hotmail.com

\*\* Centro Integrado de Ensino e Atendimento Familiar. Porto Alegre - RS – Brasil. 90550-070 - blancmoraless@yahoo.com.br

física ou psicológica) poderá desencadear na vítima sérios problemas físicos e emocionais, entre eles dores, desconfortos, problema de concentração, tonturas, cefaleias, depressão, baixa autoestima, insônia, tentativa de suicídio, traumas neurológicos, uso de substâncias químicas e sofrimento psíquico em geral (BIELLA, 2005).

Estudos de Beltran (2010) confirmam as consequências psicológicas em longo prazo do abuso sexual infantil. A autora classifica os sintomas em cinco categorias: problemas emocionais, de relacionamento, funcionais, de adaptação e sexuais.

Boarati, Sei e Arruda (2009) ao estudarem os impactos na vida adulta, afirmam que a forma como cada criança vivencia o abuso é diversa. Algumas se fascinam com o abuso e se tornam elas próprias abusadoras, outras temem o abusador mais do que o abuso, outras sentem uma profunda afeição pelo abusador. Apresentam também dificuldades no ajustamento sexual adulto, entre elas, dificuldades conjugais, impotência, ansiedade e satisfação sexual diminuída.

Já os estudos sobre violência doméstica de Day, Thurlowb e Woolliscroftb (2003) apontam que as consequências negativas e sequelas psicológicas do abuso são ainda mais graves que seus efeitos físicos. A violência sexual na infância e adolescência interrompe abruptamente o desenvolvimento natural e impõe uma vivencia no qual ainda não existe a maturidade biológica e psicológica para enfrentamento e compreensão desta prática (BARBOSA et al., 2013).

Na maioria dos casos, o abuso sexual de crianças apresenta alguma relação com a família. Segundo Silva (2002), o abuso ou violência sexual é geralmente praticado por adultos que gozam da confiança da criança ou do adolescente, tendo também a característica de, em sua maioria, serem incestuosos. Araújo (2002) salienta em seus estudos, que o abuso sexual intrafamiliar, em 80% dos casos, tem como principais abusadores, o pai biológico, padrasto, irmão, tios e avós. A intenção da violência sexual é sempre o prazer (direto ou indireto) do adulto. O mecanismo para a criança, na participação, é a repressão exercida pelo agressor.

É possível constatar, no abuso intrafamiliar, situações diversas, as quais podem apresentar momentos em que a vítima, manifeste o desejo de defrontar o agressor ou a família para expressar a sua dor. Para Madanes (1993), a violação sexual também é uma violação do espírito, principalmente quando esse ato vem de uma pessoa que a criança ama e depende. Ainda, de acordo com a autora, os estudos realizados sinalizam que os abusos sexuais acontecem em várias gerações da família e que, ao atacar a vítima o abusador ataca os demais familiares. Muitas vezes, distorce e cha-

ma seus atos abusivos de amor, confundindo a vítima. A manutenção do segredo familiar é outro fator considerado por Madanes (1993) crucial, porque pode favorecer outros casos de abuso, sendo importante o rompimento deste segredo através de intervenções.

Caminhar entre o dizer e o não dizer é sem dúvida, a trama mais complexa e infundável existente nesse contexto. O texto a seguir discute a manutenção do segredo de um acontecimento violento na vida de um dos cônjuges e suas possíveis implicações. A família e os casamentos se organizam em consonância com a cultura, com o tempo e o lugar e são subsistemas a serviço de sistemas maiores. Muitas pessoas encontram dificuldades em conciliar desejos opostos, como o da liberdade com comprometimento e a individualidade com o vínculo. Outras dirigem seus afetos para grupos, tarefas ou para o lado profissional (ANTON, 2012).

Féres-Carneiro e Neto (2010) enfatizam que, de acordo com a visão Sistêmica, a formação da conjugalidade passa por diversos estágios de relacionamento e envolve também o contexto. A união de um casal traz uma história de vida, ideias e crenças de família de origem, bem como, experiências estruturadas a partir de relacionamentos existentes na comunidade e percepção de desempenho de papéis de marido, esposa, pai e mãe. Enfatiza-se a relevância dessa pesquisa pelo olhar que se volta para a mulher vítima do abuso sexual intrafamiliar na infância e as implicações no contexto familiar e em suas relações afetivas atuais. O fato do abuso sexual sofrido na infância revelar-se como um problema que pode agravar-se na vida adulta, provocou o interesse em pesquisar acerca de quais implicações podem surgir nas relações conjugais atuais em que as participantes desta pesquisa estão inseridas. Implicações estas que podem revelar-se de forma explícita ou silenciosa. Qual a relação existente entre o abuso sexual intrafamiliar e possíveis conflitos ou situações na atual conjugalidade? Quais as dificuldades existentes na relação e que podem estabelecer relação com o acontecimento do abuso vivido na infância? Sendo assim, este estudo tem como objetivo investigar e analisar quais as implicações que emergem no relacionamento conjugal que podem ser consequências de abuso sexual intrafamiliar.

Nessa direção, apresenta-se um estudo sobre o abuso sexual infantil, sua característica intrafamiliar e a abordagem sobre as relações conjugais atuais das mulheres vítimas. Foi organizado uma metodologia com questionário semiestruturado e, frente a mobilização das questões referentes às violências sofridas, a intervenção foi uma proposta necessária.

Na Terapia Comunitária Integrativa (TCI) desenvolvida por Barreto (2008) o principal objetivo é aliviar o sofrimento humano e fortalecer a

rede de apoio solidária. Seu processo é um ato terapêutico onde o terapeuta tenta articular as dimensões: biológica, psicológica, social e política dos problemas. A TCI é uma abordagem de atenção à saúde comunitária, realizada em grupo com o objetivo principal de aliviar o sofrimento humano e fortalecer a rede de apoio solidária, promovendo troca de experiências e superação das dificuldades (BARRETO, 2008). Tem ainda como objetivos valorizar as histórias de vida dos participantes, resgatar a identidade, restaurar a autoestima e a confiança em si, ampliar a percepção dos problemas e possibilidades de enfrentamento e resolução. O processo é um ato terapêutico de grupo que pode ser realizado com qualquer número de pessoas e de qualquer nível socioeconômico.

As etapas da roda de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) de acordo com seu autor Barreto (2008), são: Acolhimento; escolha do tema: Através do provérbio “Se a boca cala o corpo fala, se a boca fala o corpo sara”, o terapeuta mobiliza e sensibiliza o grupo para falar das suas dificuldades. Essa fase é muito importante, pois o grupo escolherá o tema com o qual mais se identifica, e dessa forma todos têm a oportunidade de trabalharem suas questões e dificuldades. As pessoas se escolhem no outro. A escolha é feita por votação. A Contextualização é o terceiro passo. Contextualizar é pedir mais informações sobre o assunto para compreender o problema no seu contexto. Continuando, a terapia entrará na fase da Problematização. Nesta etapa, a pessoa que expôs o problema fica em silêncio e todos os participantes do grupo têm a oportunidade de compartilhar suas vivências através da resposta ao Mote. O Terapeuta dirige-se ao grupo e poderá fazer perguntas desencadeadoras. Para o encerramento é feito Rituais de agregação e conotação positiva o equilíbrio mental, físico e espiritual, por meio de uma abordagem sistêmica, aliada a suas crenças e valores culturais.

Na Proposta de Intervenção para mulheres vítimas do abuso é descrita apresentando dois encontros interventivos. Em um deles realiza-se uma Roda de Terapia Comunitária Integrativa e no outro, a Dinâmica da Esponja adaptada pela pesquisadora. Trabalhar terapeuticamente assuntos delicados, embasados na TCI proposta por Barreto (2008), proporcionou o alicerce e criou as estruturas necessárias para a ampliação da compreensão das situações de sofrimento e dor que emergiram nos discursos.

## **Método**

Este é um estudo qualitativo de corte transversal realizado em “Retiro para mulheres” numa cidade do interior do Paraná. Foram incluídas

mulheres que participavam no “Retiro para mulheres” e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As participantes que forneceram subsídios para esta discussão e análise foram mulheres casadas, que atenderam os critérios: ser maior de 18 anos ter sofrido abuso sexual intrafamiliar na infância, ter convivido e/ou estar convivendo com um parceiro e, ter disponibilidade para participar da pesquisa. Essas participaram de palestras no “Retiro para mulheres” numa cidade do interior do Paraná em maio de 2015. Após as palestras, as mulheres foram convidadas para participar de entrevista semiestruturada, com objetivo de obter mais informações na amostra e consequentemente obter transparência e validade científica.

Após o consentimento da instituição, a pesquisadora foi até o local do evento “Retiro para mulheres”, promovido por uma Igreja Evangélica em uma cidade do interior do Estado do Paraná. O cronograma do evento foram momentos de reflexão, de orações, músicas evangélicas (louvores), formação de duplas de oração, atividades de lazer e relaxamento (caminhadas, piscina, descanso). Os temas abordados foram Estudo da Bíblia e espiritualidade, saúde emocional, autoestima, autoconhecimento, resiliência diante dos conflitos e sofrimentos. Na última palestra a pesquisadora falou sobre a importância de olhar para dentro de si mesmo, encorajar-se para elaborar as coisas do passado para que não influencie no presente. Estes temas mobilizaram as pessoas a participarem da pesquisa. A pesquisadora participou do retiro, o que contribuiu para uma relação de proximidade e igualdade, isso transmitiu maior segurança e confiança para participação.

No último dia do evento, foi apresentada a pesquisa e feito o convite para a entrevista semiestruturada. Ao encerrar a palestra a pesquisadora falou sobre o trabalho que estava realizando e convidou para participarem da entrevista mulheres que se encaixassem nos requisitos da pesquisa. As interessadas procuraram a pesquisadora que estava disponível no anfiteatro para realizar a entrevista individualmente. Foi esclarecido sobre a seriedade da pesquisa e que seguiria o código de ética em todas as etapas do trabalho. Foi esclarecido nesse convite, que a contribuição para a pesquisa, é livre e voluntária. Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, foi dado início a entrevista semiestruturada que durou aproximadamente 30 minutos.

Após a entrevista, foi feito um convite para participação em dois encontros com data previamente estipulada onde foram realizadas intervenções baseadas na Terapia Comunitária Integrativa onde compareceram todas as participantes das entrevistas e a pesquisadora.

O encontro foi dividido em etapas, segundo o modelo descrito no Instrumento anexo.

Para aplicar o método da Análise de Conteúdo nas duas fases, da entrevista e da intervenção, foram feitas as transcrições na íntegra. Após, foi feita a leitura do conteúdo e a transcrição, bem como, a análise consta nessa tese, no capítulo Análise do conteúdo. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados consistiu em uma entrevista semiestruturada e a Intervenção que seguiu o modelo da Terapia Comunitária Integrativa. A entrevista semiestruturada consta de um roteiro temático, incluindo perguntas fechadas e abertas. As questões foram elaboradas a partir dos estudos retirados de bibliografia atual. Por meio das questões, foram explorados sentidos e vivências singulares das pessoas, o que permitiu compreender e identificar possíveis evidências em pessoas que sofreram abuso sexual infantil intrafamiliar na infância e sofrem consequências na vida conjugal posterior. A entrevista foi aplicada às pessoas que sofreram abuso sexual infantil intrafamiliar e que convivem em uma relação conjugal. As informações colhidas através das entrevistas semiestruturadas foram transcritas integralmente para análise dos dados.

A intervenção no primeiro momento seguiu os passos da Terapia Comunitária Integrativa que se caracteriza por ser um espaço de promoção de encontros interpessoais e intercomunitários. As etapas seguidas foram: o acolhimento das participantes; a escolha do tema; a contextualização; a problematização e o fechamento. No segundo encontro foi feita a Dinâmica adaptada pela pesquisadora embasada na Dinâmica da Pérola proposta por Barreto, 2008.

### **Análise dos Dados**

A análise qualitativa dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). As funções desta análise podem coexistir de maneira complementar por duas funções: a heurística – pesquisa exploratória que visa ampliar as possibilidades da descoberta e formulações de hipóteses a partir de análises de mensagens pouco exploradas anteriormente; e a função de administração da prova – servir de prova para verificação de hipóteses apresentadas sob a forma de questões ou de afirmações provisórias.

Conforme Bardin (2004), a organização da análise se constitui nas diferentes fases 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Silva e Fossá (2013)

contribuem em seu estudo sobre análise de Conteúdo, exemplificando a aplicação da técnica para análise de dados qualitativos conforme descrito abaixo.

Na pré-análise, é possível sistematizar as ideias e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. A fase compreende na leitura das entrevistas transcritas. Essa fase consiste na operacionalização do trabalho e organização do material para favorecer o estudo.

Após a fase acima descrita, parte-se para a segunda fase da exploração do material, que consiste na construção da codificação, considerando-se os registros, a definição das regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas.

Na terceira fase, é feita a inferência e interpretação qualitativa dos dados. É realizada a análise comparativa das diversas categorias ressaltando aspectos semelhantes e diferentes coletados nas entrevistas. Dada a importância da pesquisa, a fundamentação teórica comparada à realidade em cada amostra, evidencia significativas possibilidades de intervenções e métodos específicos.

## **Resultados 1**

### **Descrição da intervenção proposta para mulheres vítimas de abuso**

É difícil ser pleno como propõe a Igreja, se existe um capítulo não resolvido na infância. O abuso sexual na infância é na grande maioria, caracterizado pelo silêncio. É confuso para a criança, muitas vezes, culpabilizar ou perceber como violência um ato praticado por aquela pessoa próxima no qual ela confia. E é confuso também pelo fato da criança não ter maturidade biológica e nem psicológica para lidar com o que está acontecendo. Com o passar do tempo o segredo se mantém pela falta de confiança, vergonha, medo de julgamentos e por sentir-se culpada pela situação. Há toda a cultura de culpabilização das mulheres e crianças que é histórica em nossa sociedade. Aliviar suas dores, saber que não estão sozinhas e que os seus segredos também são os segredos de outras mulheres podem ajuda-las a reelaborar suas vivências dolorosas e auxiliá-las a terem uma vida mais plena.

### **Descrição**

As mulheres podem ser mobilizadas em Igrejas, palestras, encontros, grupos sociais entre outros. A proposta interventiva está embasada na

Terapia Comunitária Integrativa (TCI), proposta por Barreto (2008). No primeiro encontro, fez-se Uma Roda de Terapia Comunitária e no segundo encontro foi realizado a Dinâmica da Esponja e Pérola criada pela pesquisadora embasada na Dinâmica da Pérola proposta por Barreto (2008). Segue descrição dos dois encontros interventivos e os passos seguidos.

### **Primeiro Encontro**

No primeiro encontro interventivo preparar o local da seguinte maneira: colocar cadeiras em círculo no local e disponibilizar água, chá, copos e lenços de papel sobre uma mesa lateral de fácil acesso. Após o acolhimento informal e as acomodações dos participantes é dado o início seguindo os passos da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) proposta por Barreto: o acolhimento, escolha do tema, contextualização, problematização, e fechamento.

#### **Passo 01- Acolhimento**

TERAPEUTA: “Agora nós podemos partilhar nossos sentimentos e aproveitar a oportunidade para falar sobre aquilo que tira meu sono, que me traz angústia, me deixa ansioso, triste e desanimado. Se você tem algo que esta lhe incomodando, te fazendo sofrer, poderá falar sobre o seu problema de forma breve, de maneira que todos entendam e em seguida decidiremos qual tema será escolhido para nos aprofundarmos e aí sim o tema eleito pelo restante do grupo terá a oportunidade de falar mais sobre o sofrimento.”

#### **Passo 02- Escolha do Tema**

TERAPEUTA: “Agora nós podemos partilhar nossos sentimentos e aproveitar a oportunidade para falar sobre aquilo que tira meu sono, que me traz angústia, me deixa ansioso, triste e desanimado. Se você tem algo que esta lhe incomodando, te fazendo sofrer, poderá falar sobre o seu problema de forma breve, de maneira que todos entendam e em seguida decidiremos qual tema será escolhido para nos aprofundarmos e aí sim o tema eleito pelo restante do grupo terá a oportunidade de falar mais sobre seu sofrimento.”



### **Passo 03- Contextualização**

Terapeuta explica que esse é o momento onde a participante do tema eleito poderá contar a sua história e falar mais sobre isso. E, se alguém tiver alguma pergunta poderá fazer neste momento.

### **Passo 04- Problematização**

TERAPEUTA: “Esse é o momento onde quem já viveu algo parecido poderá relatar e dizer o que fez para superar seu sofrimento, quem conseguiu transformar o seu sofrimento em força, quem pode transformar algo negativo em positivo.” Sugere: “É importante que você fale somente sobre você, não dê nenhum tipo de conselho, seguindo sempre os nossos combinados do início do nosso encontro.”

### **Passo 05- Fechamento**

TERAPEUTA: Neste momento explica que podem levantar-se e um abraçar o outro ombro a ombro, fechando um círculo e que a participante que teve seu tema discutido no grupo poderia dizer o que aprendeu com a experiência do outro e o que levaria de positivo para a vida. Os outros participantes também poderiam manifestar seus sentimentos.

### **Sugestão de fechamento:**

TERAPEUTA: “Todos temos nossos sofrimentos, nossa história de vida, nossos dilemas, mas hoje em especial nós vivenciamos nossas próprias experiências e também aprendemos com a do outro, pudemos desenvolver mais empatia pelos sofrimentos do outro e também como dissemos no início, quando a boca cala, o corpo fala, e nós falamos hoje para não adoecermos amanhã. Todas vocês se mostraram corajosas em vir até aqui e abrir seu coração, expor seus sentimentos e suas dores. E acredito que a partir dessa nossa experiência podemos como vocês disseram, sair daqui mais fortalecidas para vida.”

### **Segundo Encontro**

No segundo encontro é feito a Dinâmica da Esponja e Perola que é uma variação da Dinâmica da Perola proposta por de Barreto (2008, p.104), modificada pela pesquisadora. Essa dinâmica tem como diretriz

“uma ostra que não foi ferida não produz perolas [...]”. Assim como no primeiro encontro, antes das participantes chegarem, preparar a sala da seguinte forma: as cadeiras dispostas em círculo, duas mesas de apoio com materiais para dinâmicas, água, copos e lenços de papel. O encontro foi organizado por etapas.

### **01 – Recepção**

Aguardar cada uma na porta da sala e receber, e agradecer a presença de todas.

### **02- Explicar sobre o encontro:**

TERAPEUTA: “Gostaria de lembrar que assim como no primeiro encontro é importante que tudo que vivenciarmos aqui hoje seja mantido entre nós, respeitando a individualidade de cada um”. Não devemos falar do outro, aconselhar e nem julgar, estamos aqui hoje para com o objetivo de refletir sobre nossas próprias experiências. “Esse é o momento onde cada uma de nós poderá dizer ao grupo como está se sentindo por estar aqui hoje e o que espera desse encontro.”

### **03- Dinâmica da Esponja e Pérola**

#### **Aplicação**

Convidam-se as participantes para sentar-se em círculo e utiliza-se o roteiro do discurso para iniciar a dinâmica.

TERAPEUTA: “Hoje gostaria de conversar com vocês sobre a nossa infância. Essa é uma etapa da vida no qual absorvemos praticamente tudo que vivemos.” As impressões ficam gravadas em nossa mente, mesmo de forma inconsciente, ou seja, não apagamos aquilo que vivemos desde o nascimento, ao contrário muitos dos nossos comportamentos de hoje são pelo que absorvemos nos primeiros anos de vida. A “criança aprende por repetição, aprende pelos modelos e aprende experimentando novas situações”.

“Na infância pode nos ter faltado muitas coisas e pode ser que outras vieram em excesso, tanto as faltas como os exageros são absorvidos pela criança, nessa linha de raciocínio podemos pensar que as crianças são como esponjas que tem a função de recolher todo e qualquer material, líquido, sólido, limpo ou sujo.”

O TERAPEUTA comunica que receberão uma caixa e um pedaço da esponja, solicita que fiquem de olhos fechados e segurem a esponja.

Colocar uma música instrumental, como “Dreams - Ênia”.

TERAPEUTA: Minha proposta é que agora você possa pensar em você criança e em você adolescente, saia da posição de adulto e volte no tempo.

Feche seus olhos e segure o pedaço de espuma, na medida em que for se lembrando dos fatos que viveu na infância e que você não quer mais manter dentro de você, vá espremendo essa esponja e se permita sentir que esta se desprendendo de algo que não te faz bem. Vou fazer algumas perguntas apenas para te ajudar a refletir, responda apenas para você mesma. “Procure relaxar e se entregar, tente não distrair seu pensamento, viva apenas as emoções do momento presente”.

Pense nos seus primeiros professores, seus pais.... Como eram seus pais?

Como era o olhar da sua mãe?

Como seu pai te tratava?

Quem cuidou de você?

E quando você se machucou, quem te socorreu?

Você apanhou?

Quem bateu em você?

Você sentiu medo? De que você tinha medo?

Você tentou falar e te mandaram ficar quieto?

Você sofreu bullying na escola?

Você se sentiu ignorada pelos professores?

Você se sentiu humilhada na escola?

Você se sentiu humilhada pelos seus irmãos?

Sentiu-se humilhada por alguém da sua família?

Você foi abusada verbalmente?

Você foi abusada fisicamente?

Você foi abusada sexualmente?

Como aconteceu?

Você sentiu dor? Ainda dói?

Quem foi que abusou de você?

Você quer se libertar dessas dores?

Aperte esse pedaço de esponja com força e lentamente na medida em que conseguir, deixe a esponja cair no chão e relaxe suas mãos.

Sinta seu corpo, preste atenção nas batidas do seu coração, na sua respiração, você esta viva, foi difícil e doeu muito, mas você superou a tudo isso.

Continue de olhos fechados, apenas abra suas mãos. Concentrem-se apenas nos seus sentimentos agora. “Vou colocar algo em suas mãos, mas peço que não abra olhos ainda.”

O TERAPEUTA coloca nas mãos de cada participante uma pequena caixa com uma esponja no fundo e uma pérola em cima (modelo porta-joias).

TERAPEUTA: “Podem abrir os olhos e ver o que vocês tem nas mãos”. Veja que aí existe uma esponja que esta por baixo da pérola, essa esponja simboliza sua história de vida, sua infância, a sua raiz. Por cima esta a pérola que representa você hoje.

As pérolas são produtos da dor, resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia.

As pérolas são produtos da dor, resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia. Pérolas são feridas curadas, isso é o que diz a biologia. E hoje, você que foi invadida por algo estranho que lhe causou dor e sofrimento, foi capaz de resistir e tem uma pérola. A sua dor ontem é sua pérola hoje.

### **Partilhando a Experiência**

“Sem o fundo musical o grupo é convidado a falar sobre a experiência vivida com a dinâmica.”

### **Encerramento**

TERAPEUTA: “A pérola é uma lembrança para vocês e a esponja que esta no chão você pode decidir se quer levar consigo ou deixar aqui no lixo.”

Vamos dar um abraço coletivo, ficar abraçadas em círculo enquanto cantamos a música que será projetada: É Preciso Saber Viver – TITÁS Composição: Erasmo Carlos/ Roberto Carlos.

### **Resultados 2**

#### **Perfil das entrevistadas**

Foram entrevistadas oito mulheres que participaram de Retiro para Mulheres numa cidade do Interior do Paraná- PR em maio de 2015.

Todas atenderam os critérios pré-estabelecidos: ser maior de 18 anos ter sofrido abuso sexual intrafamiliar na infância, ter convivido e/ou estar convivendo com um parceiro e, ter disponibilidade para participar da pesquisa.

As participantes estavam na faixa etária de 25 a 48 anos. Uma (1) de 20 a 29 anos, quatro (4) dos 30 a 39 anos, e três (03) dos 40 a 49 anos. Três participantes têm 02 filhos entre 11 e 15 anos, três participantes têm filhos entre 06 e 10 anos, uma participante tem um filho de 2 anos e outra um filho de 19 anos. Caracteriza fase do ciclo vital em que a maioria dos casais está com filhos na entre a pré-adolescência e a adolescência. Todos os filhos ainda moram com os pais.

Quanto à escolaridade, três (03) das participantes tem ensino fundamental II, duas (02) ensino médio, e três (03) possuem ensino superior. Três (03) das participantes são profissionais do lar, e (5) são profissionais liberais). A questão mista deste perfil, quanto à escolaridade e profissão, parece não interferir para que essas mulheres pudessem revelar seus segredos ou atenuar seus sofrimentos.

Todas são casadas pela primeira vez, com tempo de casamento mínimo de 08 anos (02 participantes) até 25 anos (01 participante). As demais participantes, possuem uniões de 09 anos (01 participante), 14 anos (01 participante), 16 anos (01 participante), 20 anos (01 participante) e 22 anos (01 participante).

Dessa amostra, todas praticam uma religião e são heterossexuais.

### **Resultados 3: Impactos**

#### **A Revelação**

As mulheres participantes deste estudo enfrentaram sozinhas, ao longo dos anos, a elaboração dessa violência. Apenas duas contaram recentemente para outra pessoa o ocorrido. A (P8) contou para seu psicólogo e tem atualmente o suporte da terapia e a (P2) contou para a mãe. Essa teve a reação de querer resolver a situação tirando satisfação com o agressor e a filha pediu que não fizesse isso e o assunto da revelação ficou suspenso. Percebe-se falta de informação, esclarecimento e que não há mecanismos claros para a condução da elaboração desse assunto, e nem muitas informações nas diversas instituições (escolas, igrejas, hospitais, entre outros) para os devidos encaminhamentos.

## **Comunicação**

Na fala das mulheres é possível perceber mensagens e alguns comportamentos que podem estar relacionados com o abuso sofrido na infância. A consciência do segredo as torna de certa forma, culpadas. As falas “nunca digo tudo” (P1), “mesmo que eu estou triste, prefiro dizer que não é nada” (P2), “prefiro sofrer sozinha” (P3), “prefiro ficar quieta, não compensa discutir” (P4), “quando eu tenho um problema eu só sei chorar” (P6). Essas falas podem inferir que elas mantêm o segredo pelo qual se sentem culpadas, e se culpam por criarem situações em seus relacionamentos no qual não sabem como lidar.

Não saber dizer não também aparece nas respostas e pode indicar uma postura de impotência, “não sei dizer não, muitas vezes aceito as coisas mesmo sem querer, tipo fazer uma compra, uma viagem, sei lá” (P7). Não compreender seu sofrimento de forma suficiente leva a vítima a diferentes posturas e atitudes. Brigas no relacionamento e a dificuldade de entender seus próprios sentimentos podem causar conflitos conjugais, tanto no âmbito da comunicação como no relacionamento sexual.

Falar sobre os sentimentos ajuda a tornar o relacionamento melhor e já é um avanço como relata a participante que teve “dificuldades no começo do casamento, mas hoje eu já falo sobre meus sentimentos. Mas sobre isso eu nunca contei” (P8).

Ao referir-se ao abuso a (P8) usa a palavra “isso” deixando claro como é estigmatizado e também doloroso falar sobre o acontecido quando criança com o cônjuge.

Percebe-se, nessa amostra, um tempo considerável de relacionamento conjugal no qual poderiam estabelecer-se vínculos de confiança suficientes para a busca do apoio necessário. Porém, os vínculos conjugais não garantem que os casais estejam preparados para lidar com a demanda do outro. As pessoas nem sempre estão preparadas para lidar com situações delicadas, como a violência infantil.

## **Sentimentos e Emoções**

A culpa, tristeza, insegurança e desconfiança foram os sentimentos que se apresentaram em maior intensidade de acordo com as respostas das participantes. Esses sentimentos apareceram também nas falas das mulheres, de modo explícito ou implícito nas respostas de outras questões. Eles permeiam quase todas as falas. A revelação de um sentimento, como a desconfiança, por exemplo, como a de (P5), que responde a questão 10-

Como você avalia seu relacionamento com seu parceiro? “É ruim, por causa da minha desconfiança, sempre acho que ele esta me escondendo alguma coisa”. A literatura aponta que as crianças, ao serem abusadas por pessoas, as quais, elas mais confiam, ou amam, tem dificuldades em compreender o sentido dessa confiança e dificuldades em confiar novamente.

O discurso pode marcar preconceitos em relação às mulheres, porque são carregados de “deveres” entre eles: “fazer seus maridos felizes”. A fala da (P2) na intervenção, no segundo encontro, aponta nessa direção. “Eu não devia ter me casado, não consigo fazer meu marido feliz, às vezes penso que ele devia me deixar, eu não sirvo pra isso, não gosto de ser tocada, não suporto quando me acaricia me dá muita agonia”. Referindo-se ao âmbito da sexualidade que parece ser o momento mais difícil para as mulheres lidarem com os sentimentos contraditórios que surgem. O toque, neste momento pode suscitar outros sentimentos e emoções fortes. O corpo sofre as consequências do sofrimento psicológico e emocional. O evitar o toque aparece na amostra nos interstícios das falas. (P2): “Eu vivo inventando desculpas, chego a fingir que estou menstruada, uso absorvente, tomo remédio de dor sem precisar, demoro pra ir pra cama, vocês não imaginam o que eu invento, minto”. Esse comportamento de evitar manter relacionamento sexual com o marido aparece na vida da participante como sentimento de culpa posteriormente: “Me sinto uma má caráter, não consigo nem orar a Deus pra pedir perdão, porque eu sei que não consigo mudar, no mesmo dia vou fazer de novo.” (P2). Depois de evitar o marido, vem à culpa, gerando assim, uma dinâmica que pode estar relacionada aos sentimentos de desânimo, angústia entre outros.

A ansiedade, o desânimo e o medo, aparecem com frequência de acordo com as respostas assinaladas na questão do número 9. O medo de perder o afeto familiar aparece implícito no cotidiano da (P4) “[...] tenho muito medo de perder minha família e, às vezes, eu deito na cama e choro muito antes de dormir, mesmo sem ter acontecido nada de importante.” Essas falas sugerem que os impactos do abuso ainda estão presentes na vida adulta destas mulheres mesmo que, muitas vezes, elas não tenham a percepção ou a consciência de que esses sentimentos podem estar relacionados às consequências da violência sofrida na infância.

A raiva, irritação e angústia também se fizeram presente nas respostas das participantes. Embora tenha aparecido com menos frequência essas emoções aparecem muito explícitas ao relatarem um pouco de seus cotidianos. (P2): “Muitas vezes, eu estou bem, mas do nada, eu começo a sentir falta de ar, sinto uma bola na garganta, meu peito dói, fico sufocada,

só passa depois que eu choro, oro a Deus”. (P4): “Choro muito antes de dormir, mesmo sem ter acontecido nada de importante. Sinto uma dor no peito, que me sufoca é como um nó na garganta.” Como diz Barreto (2008), o corpo está falando o que a boca está calando. Os sentimentos e emoções são energias que influenciam o corpo biológico e o fisiológico. Alguns sintomas presentes nestas mulheres podem ter relação com o segredo não revelado e os sentimentos encobertos, incontidos.

### **Afetividade e Sexualidade**

Os sentimentos que as mulheres assinalaram com maior intensidade e os que flutuam em suas vidas no relacionamento conjugal atual, na maioria das participantes impedem uma comunicação plena no âmbito da sexualidade com seus parceiros. Mesmo com um longo tempo de casamento, não há confiança e segurança, suficientes para dividir essa dor.

Sentimentos de dor muito forte, mesmo depois de adulto e de tanto tempo após o episódio de violência ter sido praticado, chama atenção neste relato. (P1): “Eu não gosto de pensar sobre isso, mas hoje estou conseguindo falar pra você, mas dói, é ruim falar, é só isso mesmo.” Outra fala de (P2).” Eu tentei esquecer tudo isso, deixar pra trás, mas isso ainda me atormenta, contorce minha alma, é uma dor muito grande. Isto sinaliza o impacto do abuso praticado contra uma criança por uma pessoa querida de sua família. A incompreensão da época se perpetua, pois a dor de hoje ainda está presente e certamente ainda é incompreendida.

Em outra fala de (P2): “É difícil falar disso, eu não sinto raiva do meu tio, mas sinto vergonha, parece que eu sinto agora tudo aquilo, é um sentimento de tristeza a raiva parece ter sido sublimada, mas a vergonha e o sentimento de tristeza permanecem sem entendimento.”

No âmbito da sexualidade se evidencia um cotidiano marcado por submissão, solidão, convivência encoberta pelas convenções sociais. Ou seja, um esforço por parte destas mulheres em manter um relacionamento de acordo com o que a sociedade, a igreja, enfim as convenções de uma cultura consideram como adequado. As formas de aprisionamento camuflam sentimentos que podem refletir uma autoestima fragilizada. A vítima, (P5) quando relata “no meu relacionamento conjugal eu estou errada, me esforço pra mudar, mas não é fácil” sinaliza o quanto se sente culpada por não conseguir compreender a quão violentada se encontra. A violência, por vezes, torna-se incompreensível, pois se perpetua num ciclo vicioso.



## **Autopercepção do relacionamento conjugal**

Sobre o relacionamento com seus parceiros, três (3) participantes avaliaram como sendo bom e justificaram pela ausência de brigas. Duas (2) entrevistadas responderam que o relacionamento é razoável: “às vezes tem brigas”. Esses indicadores apontam que as mulheres avaliam a qualidade do relacionamento pela quantidade ou ausência de brigas. Três (3) das participantes avaliaram seus relacionamentos como ruins. Essas se sentem sozinhas com a responsabilidade da família e, novamente abusadas. A fala de (P2) revela: “Não é bom, fico triste, ele é folgado, não gosta de trabalhar, só faz bicos, não me ajuda em casa, além de levantar cedo e pegar no batente, chego em casa e tem tudo pra fazer, não me ajuda com nada, sobra toda a responsabilidade pra mim. É mais um filho pra eu sustentar, eu sei que ele se aproveita de mim.” Os papéis estão confusos nessa conjugalidade. “eu sei que ele se aproveita de mim” confirma a consciência disso.

A fala na intervenção de (P3) pode ser sugestiva quanto ao sofrimento pessoal que interfere no relacionamento conjugal, mas também que se estende para além da conjugalidade: “Talvez eu também esteja fazendo mal pra minha família e também pra mim assim como fizeram comigo, porque aí eu não tenho prazer e nem meu marido, e ninguém tem culpa do que aconteceu no passado.” A intervenção proporcionou para essa mulher uma profunda e consistente reflexão depois de tanto tempo mantendo o segredo e sofrendo calada. Ao encontrar um espaço no qual pode sentir-se acolhida, e perceber-se igual a outras também mulheres que sofreram parecidos abusos, teve uma percepção de como ela poderia ser diferente com seu marido e com seus familiares.

## **Discussão**

Este estudo sobre os impactos na conjugalidade do abuso sexual intra-familiar na infância teve momentos preparatórios importantes para que pudesse acontecer. Na primeira etapa, foi feita a mobilização e sensibilização das mulheres num Retiro Espiritual, o que possibilitou também, encontrar um número suficiente de pessoas, para uma amostra significativa. A pesquisadora foi um elo muito importante neste processo, porque foi participante do retiro e palestrante de alguns temas. Esse fato estabeleceu uma relação de proximidade, igualdade e confiança das mulheres que a procuraram para participar do estudo. Sem essa etapa seria difícil encontrar uma amostra significativa e participativa num único local. A segunda

etapa, a entrevista semiestruturada foi possível devido a esse vínculo com a pesquisadora criado no local do Retiro. E, posteriormente, a intervenção se justificou para dar suporte psicológico às mulheres participantes, tendo em vista a mobilização de conteúdos de temas sensíveis e dolorosos.

A complexidade do abuso sexual sofrido na infância com os possíveis impactos deixados na conjugalidade torna o tema extremamente desafiador. O contexto histórico de cada mulher confluiu-se em muitos momentos. O que parecia similar, em cada acontecimento revelou-se, no entanto, uma história muito pessoal, um contexto único e uma dor muito singular.

Casadas com o primeiro marido a um tempo considerável, todas praticantes de uma religião, com o segredo não revelado do abuso sexual intrafamiliar praticado na infância; essas mulheres, de maneira geral, apesar de se tratar de um tema delicado, da intimidade sexual e conjugal, foram sensibilizadas e sentiram-se confortáveis a participar dessa pesquisa e se permitiram às falas e envolvimento na intervenção.

Investigar quais as implicações que emergem no relacionamento conjugal que podem ser consequências de abuso sexual intrafamiliar permitiu, na análise de conteúdo, articular as falas das mulheres participantes e estabelecer algumas categorias.

O *abuso às avessas* é evidenciado pela confusão da criança no apoderamento do maior sobre o menor de modo sedutor e confiante. Um modo de abuso que confunde a percepção da criança que ainda está em desenvolvimento. Esse afeto 'abusado', deixou consequências evidenciadas nos relacionamentos afetivos atuais. Ao fazer vínculos reconectam com os vínculos feitos com familiares que as abusaram o que pode trazer lembranças de traição, desconfiança, culpas. Evidentes nas falas, onde aparecem sentimentos que as confundem.

Parece não haver forças o suficiente ou valorização de si, para o enfrentamento sobre a situação, seja no diálogo ou tomada de atitude. Apesar das falas revelarem histórias comuns entre casais evidencia-se que a intervenção poderia ser benéfica, uma vez que, há uma vítima da violência envolvida. Esse fato pode diminuir consideravelmente a postura dessa mulher no enfrentamento das situações de sua vida conjugal. É possível que não venham perceber outras formas de violências se repetindo, ainda que, por vezes, de forma sutil, nos seus relacionamentos.

Ao adentrarmos no impacto na vida conjugal, a não revelação do segredo sobre o abuso sexual sofrido na infância, uma vez que, apenas duas contaram recentemente, mostrou mulheres que enfrentaram sozinhas, ao longo dos anos, a elaboração dessa violência. Um contínuo existir com o silêncio e a dor foi o que nos possibilitou estabelecer relações

com a atual conjugalidade. Nas falas, os sentimentos da culpa, sempre muito presente, as levam a criar situações no âmbito da comunicação em seus relacionamentos, os quais não sabem como lidar. 'É melhor calar...' essa foi a leitura feita nas linhas e entrelinhas das falas das mulheres. O silêncio carregado de significados, ilegíveis pelos seus maridos é uma das comunicações evidenciadas nesta pesquisa.

As participantes da pesquisa trouxeram para a discussão o tema da culpa. Sobre a dificuldade quem tem em manter relações sexuais com seus maridos, das artimanhas que usam para manterem-se caladas por pensar que seus maridos poderiam culpá-las do ocorrido quando crianças. A literatura aponta que ao longo da vida, as pessoas que sofreram alguma forma de abuso na infância podem associar o sexo com algum elemento ou lembrança vivida durante a violência sexual que pode influenciar neste âmbito. Às vezes são pequenos gestos, comportamentos ou palavras que podem fazer com que se lembre de seus abusadores. A sexualidade é a parte mais íntima do casal e é compreensível que seja o mais difícil momento para essas mulheres.

Os possíveis impactos deixados pelo abuso sexual intrafamiliar na infância com relação à sexualidade, neste estudo, deixa indícios que existem consequências ao longo do tempo deixadas pela violação do desenvolvimento da sexualidade. Podem ser percebidos através dos sintomas fisiológicos e psicológicos relatados pelas mulheres como falta de libido, não gostar de ser tocada e não sentir prazer, fugas, desculpas e artimanhas diversas. A presente pesquisa converge com a literatura atual que descreve muitas mulheres vítimas de abuso na infância, que tendem a ter disfunções sexuais. Contudo, a maneira como a pessoa sofreu essa violência e como elaborou essa vivência pode ter implicações diferentes. As mulheres participantes deste estudo demonstraram isso em seus relatos.

## **Conclusão**

Este contribuiu ao discutir alguns impactos do abuso sexual infantil intrafamiliar na conjugalidade, e pode se reportar à importância da mobilização e sensibilização dessas mulheres que sofrem caladas por muitos anos, sentindo-se culpadas, erradas como pessoa. Buscar essas mulheres que sofrem e que não chegam ao setting terapêutico, também foi o que mobilizou essa pesquisa. E é uma iniciativa possível de ser realizada. A Terapia Comunitária Integrativa proposta por Barreto (2008) foi o alicerce que criou as estruturas necessárias para a construção do ambiente de intervenção e de acolhimento.

*ABUSE IN CHILDHOOD: AN APPROACH  
THROUGH INTEGRATIVE COMMUNITY  
THERAPY AND DYNAMICS OF PEARL*

**ABSTRACT:** *The violence against women, whatever kind, (sexual, physical or psychological), compromise the emotional relationships in adulthood. The trauma caused by the abuse of women was worked in the thesis of the first author. The sensitization for the speech of women victims of sexual abuse took place through lectures with topics on: self-knowledge, self-esteem, emotional health, communication and marital relationship. By experience of the researcher, these women after the lectures, feels encouraged to reveal the secret. They were invited to take part of semi-structured interviews, and of two interventional meeting, with the five steps of Integrative collective therapy and the Dynamics of Pearl, modified, which he called Dynamic of Sponge. In the results, it became clear that the suffering remained, interfering in the conjugal life, with greater emphasis on spheres of intimacy and sexuality.*

**KEY-WORDS:** *Sexual abuse. Marital relations. Collective integrative therapy. Sponge dynamics.*

**REFERÊNCIAS**

ANTON, I. C. **A escolha do cônjuge:** um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.2, p. 3-11, 2002.

BARBOSA, L. V. et. al. Caracterização da violência sexual em criança no município de Aracajú/SE. **Interfaces Científicas: Saúde e Ambiente**, Aracajú, v. 1, n. 2, p. 9-20, fev. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: 70, 2004.

BARRETO, A. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: LCR, 2008.

BELTRAN, P. Consecuencias psicológicas a largo plazo del abuso infantil. **Papeles del Psicólogo**, Madrid, v. 31, n.2, p.191-201, 2010.

BIELLA, J. L. **Mulheres em situação de violência:** políticas públicas, processo de empoderamento e a intervenção do assistente social. 2005. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial286678.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

BOARATI, M. C. B.; SEI, M. B.; ARRUDA, S. L. S. Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.19, n. 3, 2009, p. 426-433.

DAY, A.; THURLOWB, K.; WOOLLISCROFTB, J. Working with childhood sexual abuse: a survey of mental health professionals. **Child Abuse and Neglect**, Elmsford, v.27, p.191-198, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T.; NETO, O. D. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 46, p.269-278. mai./ago. 2010.

MADANES, C. **Sexo, amor y violencia:** estratégias de transformación. Barcelona: Paidós, 1993.

SILVA, L. M. P. **Violência doméstica contra a criança e o adolescente**, Recife: EDUPE, 2002.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4., Brasília. **Anais...** Brasília: EnEPQ, 2013. p.01-14.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Iniciais: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Grau de Escolaridade: \_\_\_\_\_

Estado Civil atual \_\_\_\_\_ Tempo: \_\_\_\_\_

Já foi casada ou teve um relacionamento conjugal? ( ) sim ( ) não quantos? \_\_\_\_\_

Profissão/Ocupação: \_\_\_\_\_

Orientação sexual \_\_\_\_\_

Numero de pessoas no núcleo familiar \_\_\_\_\_

Pratica alguma religião ( ) sim ( ) não

1. Qual o grau de parentesco da pessoa que abusou voce? (pai, irmão, tio, padrasto, outro).
2. Que idade você tinha quando iniciou o abuso?
3. Quanto tempo dura e/ou durou?
4. Você contou para alguém? ( ) sim ( ) não
5. Se sim na questão anterior, você teve apoio nesse momento? Em que consistiu esse apoio?
6. Se não contou na época, atualmente alguém sabe? Quem?
7. Você percebeu se o abuso sexual sofrido na infância/adolescência interferiu na sua vida afetiva conjugal ( ) sim ( ) não
8. Você tem algum tipo de dificuldade de comunicação com seu parceiro?
9. Quais os **sentimentos ou emoções** que estão ou estiveram **mais presentes** durante seu relacionamento atual e /ou passado:
  - a. Enumere em ordem **decrecente**, ou seja, do maior para o menor ( 10 - 01).
  - b. ( ) ansiedade ( ) culpa ( ) raiva ( ) tristeza ( ) desanimo
  - c. ( ) irritação ( ) medo ( ) angústia ( ) insegurança ( ) desconfiança
  - d. Outros: \_\_\_\_\_
10. Como você avalia seu relacionamento com seu parceiro?
11. Como é o convívio na vida sexual?
12. Você tem um convívio social? (rede de apoio)
13. Você teve ou tem algum suporte psicológico?
14. Você gostaria de falar algo mais? (Para relato livre de coisas que elas querem falar e que não foi perguntado)

## **Dinâmica da Esponja e Pérola**

Ao som da música instrumental a pesquisadora vai direcionando lentamente as participantes:

“Pense nos seus primeiros professores, seus pais, como eram seus pais?

Como era o olhar da sua mãe?

Como seu pai te tratava?

Quem cuidou de você?

E quando você se machucou, quem te socorreu?

Você apanhou?

Quem bateu em você?

Você sentiu medo? De que você tinha medo?

Você tentou falar e te mandaram ficar quieto?

Você sofreu bullying na escola?

Você se sentiu ignorada pelos professores?

Você se sentiu humilhada na escola?

Você se sentiu humilhada pelos seus irmãos? Se sentiu humilhada por alguém da sua família?

Você foi abusada verbalmente?

Você foi abusada fisicamente?

Você foi abusada sexualmente?

Como aconteceu?

Você sentiu dor? Ainda dói?

Quem foi que abusou de você?

Você quer se libertar desses traumas?

Aperte esse pedaço de espuma com força e lentamente na medida que conseguir, deixe a esponja cair no chão e relaxe suas mãos.

Sinta seu corpo, preste atenção nas batidas do seu coração, na sua respiração, você está viva, foi difícil e doeu muito, mas você superou a tudo isso.

Continue de olhos fechados, apenas abra suas mãos. Concentre-se apenas nos seus sentimentos agora. “Vou colocar algo em suas mãos, mas peça que não abra os olhos ainda.”

A pesquisadora coloca nas mãos de cada participante uma pequena caixa com uma espuma no fundo e uma pérola em cima (modelo porta-joias).

## **Aplicação da Dinâmica**

Pesquisadora: “Podem abrir os olhos e ver o que tens nas mãos. Veja que aí existe uma esponja que está por baixo da pérola, essa esponja sim-

boliza sua história de vida, sua infância, a sua raiz. Por cima esta a pérola que representa você hoje.”

“As pérolas são produtos da dor, resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia. Pérolas são feridas curadas, isso é o que diz a biologia. E hoje você que foi invadida por algo estranho que lhe causou dor e sofrimento, foi capaz de resistir e tem uma pérola. A sua dor ontem é sua pérola hoje.”

### **Partilhando a Experiência**

Pesquisadora: “Agora é o momento que se alguém se sentir à vontade para falar o que vivenciou com essa experiência, poderá partilhar com o grupo.”